

MULHERES TREINADORAS NO ESPORTE UNIVERSITÁRIO: PERCEPÇÕES DE GESTORAS E GESTORES DE ASSOCIAÇÕES ATLÉTICAS ACADÊMICAS

WOMEN COACHES IN UNIVERSITY SPORT: PERCEPTIONS OF MANAGERS FROM ACADEMIC ATHLETIC ASSOCIATIONS 

MUJERES ENTRENADORAS EN EL DEPORTE UNIVERSITARIO: PERCEPCIONES DE GESTORAS Y GESTORES DE ASOCIACIONES ATLÉTICAS ACADÉMICAS 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.150302>

-  **Camila Corletto Farias*** <camila.corletto@hotmail.com>
-  **Enrique Gonçalves Araújo*** <enriquegoncalvesaraujo@gmail.com>
-  **Matheus Henryke Lee da Silva Goulart*** <matheushenrykelee@gmail.com>
-  **Júlia Rocha Bernar*** <jujubabernar@gmail.com>
-  **Mariah Victória da Silva Borba*** <mariahvborba@gmail.com>
-  **Kenai Fonseca Domingos*** <kenaifonsecadomingos@gmail.com>
-  **Andréa Krüger Gonçalves*** <andreakg@ufrgs.br>

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo: O objetivo principal foi analisar a percepção de gestoras e gestores sobre a atuação de treinadoras mulheres nas associações atléticas acadêmicas de Porto Alegre. Para a pesquisa, adotou-se um delineamento *survey* com caráter descritivo e foi utilizada uma entrevista semiestruturada. Participaram da pesquisa 14 gestoras e gestores de atléticas de Porto Alegre que competiram nos dois principais campeonatos atleticanos de um ano, sendo selecionados por acessibilidade. Os resultados foram analisados através da análise de conteúdo. As categorias temáticas encontradas foram: “Identificação das Atléticas”, “Contratação”, “Gênero”, “Modalidades”, “Competições” e “Mulheres Treinadoras”. Entre os fatores identificados para justificar a baixa quantidade de treinadoras, destacam-se a falta de oportunidade e a perpetuação das indicações de treinadores homens para ocupar os cargos. Os resultados indicaram que a presença de mulheres como treinadoras nas atléticas ainda é reduzida, evidenciando a necessidade de estratégias institucionais que ampliem as oportunidades de participação feminina na liderança esportiva. Conclui-se que a presença de mulheres no contexto das atléticas ainda é muito baixa, e espera-se que a pesquisa contribua para mudar esse cenário.

Palavras-chave: Mulheres. Treinadoras. Esporte universitário. Associações atléticas acadêmicas.

Recebido em: 19 set. 2025
Aprovado em: 6 abr. 2026
Publicado em: 15 out. 2026



Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

1 INTRODUÇÃO

O acesso das mulheres ao ambiente esportivo sempre esteve associado à luta contra uma cultura historicamente machista, que buscou limitar sua atuação como atletas, gestoras e treinadoras. Durante o século XIX e parte do século XX, o esporte foi socialmente construído como um espaço predominantemente masculino, vinculado à competitividade, força física e dominação, enquanto a participação feminina era frequentemente questionada em razão da ideia de uma suposta “natureza delicada” atribuída às mulheres (Adelman, 2006). No Brasil, até a década de 1970, mulheres foram legalmente impedidas de praticar determinadas modalidades esportivas sob a justificativa de possíveis riscos à saúde e à feminilidade. A revogação dessas restrições ocorreu apenas em 1979, fator que contribuiu para o atraso da inserção feminina no esporte competitivo e, conseqüentemente, nos Jogos Olímpicos (Goellner, 2005).

A participação feminina nos Jogos Olímpicos foi historicamente marcada por restrições e desigualdades de gênero. Embora as mulheres tenham participado oficialmente pela primeira vez nos Jogos de Paris, em 1900, sua inserção ocorreu de maneira limitada, restrita a modalidades consideradas compatíveis com os padrões de feminilidade da época. Esportes associados à força física, competitividade e contato corporal eram predominantemente destinados aos homens, enquanto as mulheres eram frequentemente afastadas do reconhecimento como atletas de alto rendimento (Rubio; Veloso, 2019). A edição de Paris 2024 marcou a primeira Olimpíada com divisão igualitária de vagas entre homens e mulheres (OECD, 2025).

Apesar dos avanços, a representatividade feminina no esporte ainda é limitada. A gestão esportiva continua predominantemente masculina. Acosta e Carpenter (2012) destacam que, quanto mais mulheres ocupam cargos administrativos, maior é a presença feminina em cargos técnicos. No esporte de alto rendimento, as dificuldades enfrentadas por homens e mulheres apresentam diferenças significativas, especialmente em razão das desigualdades de gênero historicamente presentes no ambiente esportivo. Enquanto os homens tendem a enfrentar predominantemente desafios estruturais e competitivos, as mulheres frequentemente lidam com barreiras relacionadas à necessidade de reconhecimento, legitimação profissional e superação de estereótipos de gênero (Barreira, 2021). Segundo Adelman (2006), o preconceito e a discriminação contribuem para que as mulheres estejam constantemente disputando espaços, legitimidade o acesso a recursos no esporte, revelando uma trajetória marcada pela busca por autonomia, reconhecimento e dignidade. Além disso, a limitada presença de políticas públicas e ações institucionais voltadas à equidade de gênero dificulta a ampliação da participação feminina em cargos de liderança esportiva (Barreira, 2021). Segundo a ONU Mulheres e o Comitê Olímpico do Brasil (2022), apenas 28% das federações internacionais olímpicas atingiam a meta mínima de 30% de mulheres na gestão.

Uma das vertentes do esporte é o universitário, que também reproduz valores historicamente associados ao modelo esportivo moderno, tradicionalmente construído como um espaço predominantemente masculino (Adelman, 2006; Bourdieu, 1977). Nesse contexto, a inserção feminina ocorreu de forma tardia

e marcada por diferentes barreiras sociais e culturais. As Associações Atléticas Acadêmicas (A.A.A.s) têm se consolidado como importantes espaços de prática esportiva universitária, sendo organizadas por estudantes de instituições públicas e privadas com o objetivo de promover atividades esportivas, integração acadêmica e lazer no ambiente universitário. Além disso, essas associações frequentemente integram ligas universitárias responsáveis pela organização de campeonatos e eventos esportivos voltados à convivência e à participação estudantil (Pereira; Silva, 2019).

Dentro das A.A.A.s, o setor esportivo é responsável pela organização das equipes e pela contratação de profissionais para o comando técnico, sendo, portanto, o principal ponto de contato entre os atletas e as treinadoras. Nesse contexto, o esporte universitário se apresenta como uma via potencial de inserção profissional para estudantes de Educação Física, por proporcionar experiências práticas, ampliar o repertório técnico e contribuir com o desempenho esportivo das equipes.

Apesar da relevância desse espaço para a formação e atuação profissional, especialmente no que diz respeito às mulheres, há uma escassez de estudos que abordem a presença feminina na função de treinadora nas atléticas universitárias brasileiras. Essa ausência de dados revela uma lacuna importante na literatura e dificulta a compreensão dos desafios, oportunidades e dinâmicas que envolvem a atuação de mulheres nesse contexto.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a percepção de gestoras e gestores quanto à atuação de treinadoras mulheres em associações atléticas acadêmicas de Porto Alegre. Especificamente, busca-se: (1) identificar as universidades às quais as A.A.A.s estão vinculadas e as modalidades esportivas ofertadas; (2) averiguar os critérios utilizados para a contratação de profissionais técnicos; e (3) verificar a presença de mulheres na função de treinadoras, bem como as modalidades em que atuaram em eventos competitivos de associações atléticas universitárias ao longo de um ano.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 TIPO DE ESTUDO

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, realizado no ano de 2023, com gestoras (es) de Associações Atléticas Acadêmicas (A.A.A.s) de Porto Alegre e região metropolitana. A pesquisa teve como objetivo compreender a presença e atuação de mulheres treinadoras nas equipes esportivas universitárias participantes das competições interatléticas da região. Adotou-se uma abordagem qualitativa com delineamento exploratório e descritivo (Gil, 2008; Minayo, 2014).

2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A amostra do estudo foi composta por gestoras (es) das A.A.A.s de Porto Alegre e Região Metropolitana que participaram dos campeonatos Jogos Interatléticas de

Porto Alegre (JIPA) e Jogos Interatléticas de Areia de Porto Alegre (JIAPA), realizados no ano de 2023.

Neste ano, foi realizada a 6ª edição do JIPA, contando com a participação de 15 atléticas na disputa pelo título e oito modalidades sendo elas: Atletismo, Basquete, Futebol Society (Futebol 7), Futsal, Handebol, Tênis de Mesa, Voleibol de Quadra e Xadrez. Já os JIAPA foram realizados pela primeira vez nesse mesmo ano, contando com 13 atléticas e cinco esportes: Futebol de Areia, Futevôlei, Handebol de Praia, Rugby de Areia e Vôlei de Praia. Ambos os campeonatos contam com atléticas de universidades como UFRGS, PUCRS, UFCSPA, UNIRITTER e FMP e são organizados pela Liga das Atléticas de Porto Alegre (LAPA). Devido ao aumento do prestígio no cenário do esporte universitário atleticano porto-alegrense optamos por fazer nossa pesquisa com as associações atléticas acadêmicas inscritas na edição anual destes dois campeonatos.

O critério de seleção da amostra foi por acessibilidade. O número de participantes foi estipulado a partir do critério de saturação teórica, o qual estabelece que a partir do momento em que a coleta não apresenta novas informações e/ou temas para a investigação, com alguma redundância no obtido, pode-se terminar o ciclo de recolhimento e análise dos dados (Flick, 2009).

Para a divulgação do estudo e formação da amostra, divulgamos em grupo de rede social com representantes das gestões de todas as atléticas participantes da LAPA. Nesta mensagem foi solicitada a cada atlética a indicação de uma pessoa apta para participar do estudo, que deveria ser preferencialmente relacionada ao setor esportivo da mesma. Após esse contato inicial, foi aplicado o instrumento de coleta. Participaram da amostra 14 gestoras (es).

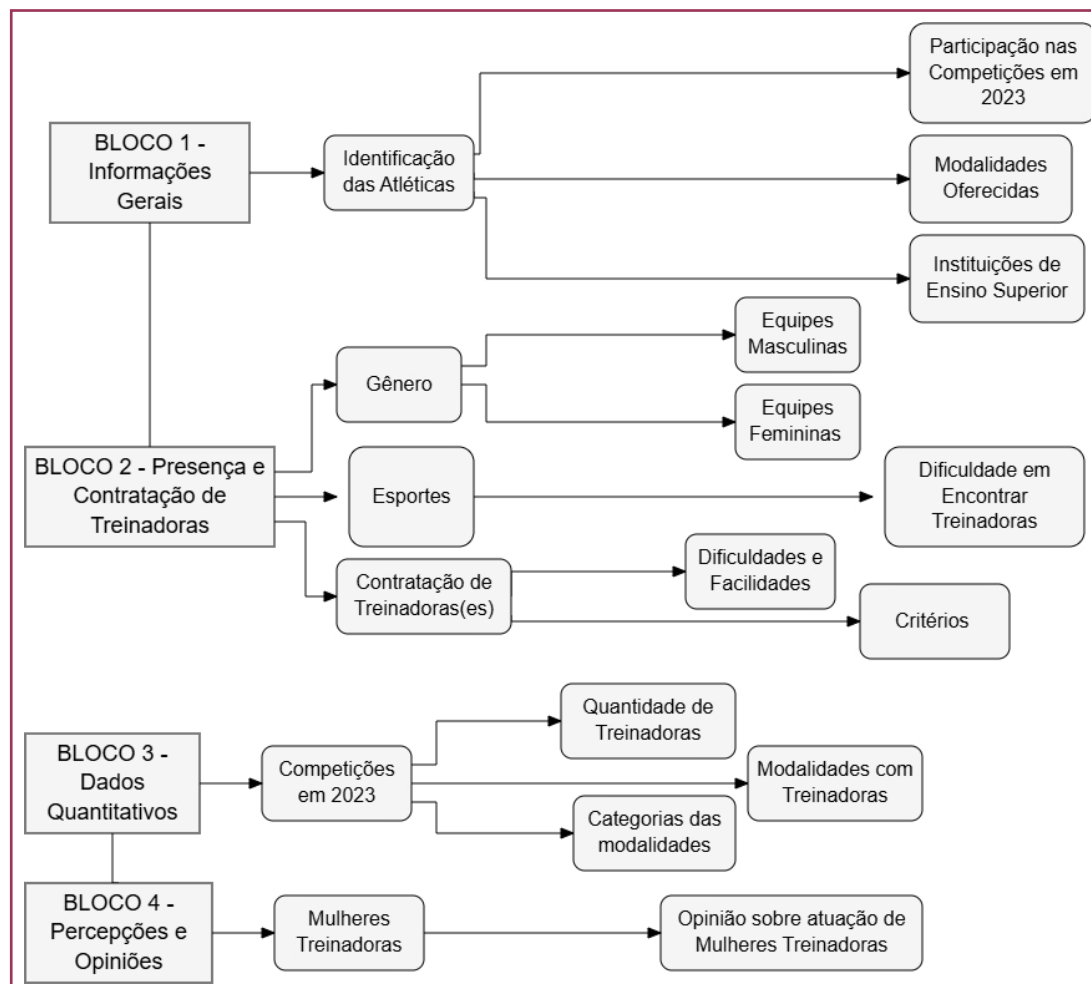
2.3 INSTRUMENTOS

Para o estudo foi utilizada uma entrevista semiestruturada. A técnica de entrevista, utilizada como instrumento de coleta de dados em pesquisas científicas, permite a obtenção de informações objetivas e subjetivas por meio da interação entre duas ou mais pessoas. Esse instrumento caracteriza-se por ser previamente estruturado, contendo um roteiro padronizado que orienta a condução da entrevista. Nesse modelo, todos os participantes respondem às mesmas perguntas, o que possibilita maior uniformidade na coleta e comparação dos dados obtidos (Lakatos; Marconi, 2017).

O instrumento do estudo foi composto por um roteiro com perguntas para guiar as entrevistas com as gestoras (es) e está explicitado no fluxograma. As perguntas foram validadas por dois professores doutores com experiência na área de formação. As entrevistas ocorreram no formato on-line e foram gravadas nas plataformas Google Meet ou Zoom. A gravação passou por uma transcrição e a mesma foi enviada a cada um dos participantes para autorização de uso para análise do conteúdo das respostas.

O roteiro da pesquisa mais ampla foi composto por 16 perguntas abertas. Para os fins deste trabalho, optou-se por analisar 13 dessas questões. A fim de qualificar a análise do conteúdo das respostas, as perguntas foram agrupadas em blocos temáticos, organizando-se as categorias com base na similaridade dos assuntos abordados, conforme detalhado no tópico “Tipo de Análise”.

Fluxograma 1 - Conteúdo da entrevista com gestores.



Fonte: elaborado pelos autores.

2.4 TIPO DE ANÁLISE

A análise desta pesquisa foi realizada pela técnica de análise de conteúdo, empregada para examinar material textual de diferentes origens, desde produtos da mídia até entrevistas (Bauer, 2000). No caso das entrevistas, é aplicada sobretudo à compreensão de pontos de vista subjetivos (Flick, 2009). Para Bardin (1977), trata-se de procedimento sistemático de descrição das mensagens, interpretando respostas pelo conteúdo e pela relação com o conjunto. Segundo Jacinto (2018), a técnica permite avaliar textos de forma sistemática, identificando e quantificando palavras-chave que possibilitam comparações posteriores.

As etapas da análise de conteúdo compreendem: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização e codificação; e 3) tratamento dos resultados, inferência e

interpretação (Bardin, 1977). Uma das formas de aplicação dessa técnica é a análise categorial, considerada por Bardin (1977) como uma das modalidades centrais da análise de conteúdo. Essa abordagem consiste na divisão do texto em unidades de análise agrupadas em categorias, classificadas de acordo com a frequência de presença ou ausência de determinados elementos de sentido.

Nesse processo, as unidades de registro e de contexto correspondem às etapas de codificação do material, podendo ser representadas por palavras, frases, temas ou documentos. O tema, adotado neste estudo, destaca-se como uma das unidades mais utilizadas, uma vez que a análise categorial temática permite identificar núcleos de sentido presentes na comunicação, neste caso, nas entrevistas. Tal abordagem é amplamente empregada em estudos sobre motivações, opiniões, atitudes, valores e crenças, sendo especialmente recorrente em pesquisas qualitativas com entrevistas (Bardin, 1977).

Para este estudo, as perguntas foram organizadas em categorias temáticas, estruturadas com base nos blocos da entrevista. Ressalta-se que a relação entre blocos e categorias não seguiu uma correspondência linear, de modo que um mesmo bloco pôde originar múltiplas categorias ou, em alguns casos, nenhuma. Assim, não há uma correspondência direta entre cada pergunta e uma categoria específica.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Participaram como sujeitos da pesquisa 14 gestoras e gestores representantes de atléticas de diferentes universidades. Destes, foram dez do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Para garantir o anonimato dos participantes, optou-se pela utilização de pseudônimos inspirados em grandes nomes do esporte, preservando a identidade dos entrevistados e ao mesmo tempo valorizando referências históricas da área esportiva. Optou-se por este formato para manter o anonimato dos participantes e também para homenagear estes atletas.

Foram identificadas seis categorias: "Identificação das Atléticas", "Contratação", "Gênero", "Modalidades", "Competições" e "Mulheres Treinadoras".

3.1 IDENTIFICAÇÃO DAS ATLÉTICAS

A primeira categoria de análise denomina-se "Identificação das Atléticas". Nesta categoria buscamos verificar as Instituições de Ensino Superior às quais as atléticas são vinculadas, a participação nas competições ocorridas num ano, as modalidades oferecidas pelas atléticas e os naipes em que as mesmas são disponibilizadas. Com relação às IES, a maioria das atléticas pertence à UFRGS. Os cursos representados pelas atléticas são variados, das 14 atléticas participantes cinco representam apenas um curso e nove representam dois ou mais cursos.

Quanto à participação nas competições, onze atléticas competiram tanto no Interatléticas de Quadra quanto no Interatléticas de Areia, duas apenas no Interatléticas de Quadra e uma apenas no Interatléticas de Areia no período de um ano.

A respeito das modalidades ofertadas pelas atléticas para a prática dos seus discentes podemos observar que algumas estão presentes em praticamente todas elas. Estas modalidades são: Atletismo, Basquete, Futebol 7, Futebol de Areia, Futevôlei, Futsal, Handebol de Praia, Handebol de Quadra, Rugby de Areia, Tênis de Mesa, Vôlei de Praia, Vôlei de Quadra e Xadrez. As modalidades que foram citadas apenas por algumas atléticas são: Futebol de Campo, Lutas (Judô e Jiu-Jitsu) e Natação. Sete gestoras (es) relataram que suas atléticas oferecem todas as suas modalidades para ambos os gêneros, seja de forma separada ou mista. Em contrapartida, em dois casos algumas modalidades são oferecidas apenas para as meninas e em cinco atléticas existem esportes praticados apenas pelos meninos.

3.2 CONTRATAÇÃO

Na categoria “Contratação”, identificaram-se critérios relacionados à formação em Educação Física, questões financeiras, experiência prévia na modalidade e indicações pessoais. Esses aspectos demonstram que os processos de escolha de treinadores no contexto esportivo universitário envolvem não apenas competências técnicas, mas também fatores de disponibilidade, confiança e relações interpessoais, especialmente em organizações esportivas geridas pelos próprios estudantes (Pereira; Silva, 2019). Metade dos participantes afirmou priorizar profissionais da área, enquanto a limitação financeira, citada por oito dos 14 entrevistados, favorece a contratação de pessoas próximas ou até atletas/gestores como treinadores.

As dificuldades para contratação de treinadoras incluem o desconhecimento sobre profissionais mulheres e a predominância de indicações masculinas, criando um ciclo de reprodução. Como apontado:

[...] dentro das atléticas, é muito difícil a gente conseguir sair da nossa bolha
[...] acaba caindo muitas vezes nos mesmos nomes (Isaquias Queiroz).

[...] acaba sendo um ciclo repetitivo em que tem muitos treinadores homens
[...] (Rebeca Andrade).

Esse cenário pode ser relacionado à teoria de Kanter (1993), na qual oportunidades e poder se retroalimentam, favorecendo grupos dominantes. Outra barreira refere-se à resistência de atletas homens, associada à estereotipização do cargo (Bourdieu, 2009).

Por outro lado, destacam-se facilidades como a comunicação e o relacionamento interpessoal. No entanto, a percepção de menor cobrança financeira pode refletir não necessariamente menor experiência, mas a escassez de oportunidades, o que reforça desigualdades estruturais na inserção profissional.

3.3 NAIPES

A terceira categoria “Naipes” aborda a preferência das(os) gestoras(es) por terem mulheres treinando equipes femininas e da presença de mulheres como treinadoras de equipes masculinas.

No quesito preferência por mulheres treinando equipes femininas, 50% dos entrevistados alegaram que preferem, sendo seis mulheres e um homem. Os principais motivos relatados foram as atletas se sentirem mais confortáveis e a comunicação entre atletas e treinadora. Abaixo colocamos algumas das falas dos entrevistados para exemplificar.

[...] eu sinto que até as meninas se sentem mais à vontade também. E de conversar sobre diversas questões assim com as próprias treinadoras mulheres assim. (Maria Esther Bueno).

[...] eu observo que no momento que houve essa opção por uma treinadora mulher, a relação com a equipe foi melhor. O diálogo, o desenvolvimento do time, ele foi melhor. (Aída dos Santos).

Outro tema trazido pelas gestoras é a identificação da treinadora com as atletas por entender a realidade do esporte feminino:

[...] eu sempre aprecio que a pessoa que te treine faça parte da realidade daquele esporte, e um homem nunca vai fazer parte da realidade do esporte feminino diretamente. (Jacqueline Silva)

Já ocorreu em alguns momentos da gente ter algumas reivindicações de equipes femininas, e isso ser tratado pelo treinador como: “ah, mas isso é “picuinha”. Isso é coisa de guria, time feminino tem isso mesmo”. E a gente percebe que as treinadoras, elas entendem um pouco melhor a moral do grupo, a forma de abordar algumas coisas. [...] (Maria Lenk)

Estes relatos vão de acordo com o estudo Fasting e Pfister (2000) que revela como jogadoras de futebol de diferentes países percebem as diferenças de gênero entre treinadores. As atletas destacam que as técnicas mulheres demonstram maior empatia, habilidades comunicativas superiores e uma maior disposição para a cooperação em comparação com os treinadores homens.

Com relação à não preferência por mulheres treinadoras de equipes femininas tivemos a resposta de quatro gestoras e três gestores. Recebemos algumas respostas relatando a realidade da atlética de contratar o mesmo profissional para os dois naipes das modalidades ou até mesmo a realidade de contratarem mulheres para equipes masculinas e homens para equipes femininas e por isso não teriam esta preferência. Outro ponto trazido pelos participantes como justificativa foi que a escolha das(os) treinadoras(es) se dá pelo que eles acreditam ser mais adequado para suas atléticas, assim como o fato de que a competência da pessoa não será determinada pelo gênero. Para exemplificar destacamos abaixo a fala de um dos participantes:

[...] eu não vou avaliar pelo gênero da pessoa, eu vou avaliar se é um trabalho bem feito, se é um trabalho compatível com a nossa situação financeira e desportiva, né? (Daniel Dias)

Ainda dentro da terceira categoria temos a questão de mulheres serem treinadoras de equipes masculinas. A pergunta realizada para as(os) gestoras(es) não focou especificamente nos campeonatos de um determinado ano, mas no histórico geral da atlética. Das 14 participantes, 12 relataram ter tido em algum momento uma mulher responsável por pelo menos um dos seus times masculinos. Tivemos relatos

positivos e alguns relatos de situações de preconceito ocorridas com essas mulheres, os quais destacamos:

[...] eu tive a experiência de treinadora mulher no voleibol masculino e a minha percepção é que, às vezes, houveram momentos em que o respeito não foi necessário. Ela não foi vista como uma figura de treinadora e acabou ocasionando alguns empecilhos, alguns diálogos, né? (Aída dos Santos)

Já aconteceu o caso da gente estar achando que a pessoa está desrespeitando a treinadora e a gente não saber se estaria fazendo, se não fosse uma mulher, sabe? (Isaquias Queiroz).

Segundo Barreira (2021), a construção histórica do esporte como espaço de afirmação da masculinidade contribui para que os cargos de liderança e treinamento esportivo sejam predominantemente ocupados por homens. Esse contexto reforça estereótipos de gênero e frequentemente coloca em dúvida a competência das mulheres para exercer funções técnicas e de comando no ambiente esportivo. Podemos observar isto também nas falas de Maria Esther Bueno e Marta da Silva:

[...] com um atleta específico, a gente percebeu que fazia diferença para ele se era uma mulher ou um homem que estava mandando ele fazer determinada coisa. (Maria Esther Bueno)

[...] A gente teve algum problema ali em questão de competição, de... Como eu posso dizer? Dos atletas não quererem muito ouvir o que a treinadora queria dizer. Olha, eu acho que por ser mulher tenha sido um fator bem importante para isso. Não acho que tenha sido o único, mas acho que pode ser o principal. (Marta da Silva)

Os quatro relatos apresentados podem estar relacionados à histórica associação da função de treinador ao universo masculino. Para as mulheres que atuam como treinadoras, as dificuldades frequentemente começam na percepção social de que os homens seriam mais capacitados para ocupar posições de liderança técnica no esporte. Nesse contexto, manifestações de preconceito e desigualdade de gênero ainda se fazem presentes, refletindo estruturas historicamente marcadas pelo machismo no ambiente esportivo brasileiro (Goellner, 2005; Rial; Almeida, 2024).

3.4 MODALIDADES

A quarta categoria se denomina “Modalidades” e analisa as modalidades com mais dificuldade de se encontrar mulheres treinadoras. Os esportes mais citados pelos entrevistados foram as relacionadas ao futebol: futebol de areia, futebol society (futebol 7) e futsal. Também foram comentadas as modalidades de basquete, handebol, rugby e lutas, especificamente judô e jiu-jitsu.

Em um primeiro momento iremos destacar a fala sobre uma possível justificativa para uma baixa presença de mulheres como treinadoras da modalidade do rugby:

Acho que o rugby, pela questão física mesmo, né? Porque o rugby geralmente são pessoas mais fortes, lógico. (Daniel Dias)

Este relato nos remete à época do Decreto-Lei nº 3.199 de 1941 que dizia que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições

de sua natureza”, dentre estas práticas citadas estava o rugby. Sant’Anna (1995) afirma que a ideia de que a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino não é nova, atravessa séculos e culturas. Um estudo realizado com jogadoras de rugby de Florianópolis (SC) relata que as atletas, da sua maneira, estão administrando uma educação do corpo feminino, por meio de constantes negociações e ressignificações de valores dentro do contexto de uma prática esportiva pautada em símbolos de masculinidade como força e combatividade. As jogadoras mostram que seus corpos podem ser fortes e prontos para empurrar e derrubar outros corpos femininos também dispostos a jogar uma partida de rugby (Gonçalves; Vaz, 2021).

Na sequência, analisam-se as modalidades relacionadas ao futebol que foram as mais citadas pelos participantes quando solicitados a identificar qual o esporte tem mais dificuldade de encontrar treinadoras mulheres no contexto das atléticas. Com o intuito de exemplificar, seguem a seguir os relatos das(os) gestoras(es):

Cara, eu acho que muito por um estereótipo que ainda vem aí de um tempo pra cá. Pra tu achar uma treinadora pra um time de futebol, principalmente tu achar uma treinadora que, não é nem que ela esteja disposta, mas que ela encara o saco que é tu ser uma treinadora mulher e treinar um bando de guri, que às vezes é meio chato, que às vezes é meio... preconceituoso. (Maria Lenk)

Ah, com certeza. Futebol/futsal. [...] E futebol é, historicamente, querendo ou não, um esporte majoritariamente masculino e tem muito essa cultura da panelinha, dos guris que jogavam futebol juntos há muito tempo. Não é um esporte muito receptivo a mulheres. (Jacqueline Silva)

Segundo Goellner (2005) e Rial e Almeida (2024), fatores sociais, culturais e históricos contribuem para a baixa presença de mulheres em cargos de liderança no esporte, especialmente no futebol. Entre esses fatores destacam-se a persistência de estereótipos de gênero, a falta de apoio institucional, a limitada implementação de políticas de incentivo e a escassez de programas voltados ao desenvolvimento e à permanência de mulheres em funções técnicas. Nesse contexto, observa-se a existência de barreiras significativas a serem superadas para que mais mulheres possam contribuir efetivamente para o crescimento e a consolidação do esporte.

Esses relatos reforçam a permanência de estereótipos de gênero historicamente associados a determinadas modalidades esportivas. Esportes relacionados ao futebol e ao rugby, por exemplo, foram socialmente construídos como espaços masculinos, o que contribui para dificultar o reconhecimento da autoridade de mulheres em posições de liderança técnica.

3.5 COMPETIÇÕES

As competições analisadas foram o Interatléticas de quadra e o Interatléticas de areia realizadas no ano de 2023, envolvendo atléticas de Porto Alegre e região metropolitana. Assim, a categoria “Competições” apresenta a participação de mulheres como treinadoras nas competições de quadra e areia indicando modalidades, categorias e número de equipes sob sua responsabilidade.

Das 14 atléticas participantes, 10 relataram ter pelo menos uma treinadora. Ao todo, foram identificadas 13 mulheres atuando em nove modalidades. As competições analisadas foram o Interatléticas de quadra (15 atléticas, oito modalidades – sete em ambos os naipes e uma mista) e o Interatléticas de areia (13 atléticas, cinco modalidades – todas nos dois naipes).

Das 25 possíveis modalidades com treinadoras, 12 tiveram apenas uma mulher responsável, duas tiveram duas, três contaram com três, uma teve quatro, e sete modalidades não tiveram nenhuma treinadora. Três dessas mulheres trabalharam para mais de uma atlética, o que explica a diferença entre o número total de treinadoras e de atléticas com treinadoras. Uma delas comandou todas as modalidades associadas ao futebol masculino (futsal, futebol 7 e futebol de areia).

Tanto na competição de quadra, como de areia, a modalidade com mais treinadoras foi a de voleibol. Duas treinadoras se destacaram pela quantidade de times que comandaram nesta modalidade, ambas foram as mulheres com mais equipes tanto na competição de quadra quanto na de areia. No Interatléticas de quadra cada uma delas estava com duas equipes femininas e duas masculinas, já no Interatléticas de areia uma delas representou três equipes de cada categoria enquanto a outra comandou duas equipes de cada categoria.

Os resultados observados neste estudo aproximam-se de pesquisas que apontam a predominância masculina na atuação como treinadores no contexto esportivo universitário, especialmente em modalidades coletivas, evidenciando a persistência de desigualdades de gênero em cargos técnicos e de liderança esportiva (Barreira, 2021; Pereira; Silva, 2019). Há escassez de estudos específicos sobre a atuação de treinadoras no contexto das atléticas acadêmicas.

3.6 MULHERES TREINADORAS

A sexta e última categoria temática “Mulheres treinadoras” trata sobre a opinião das(os) gestoras(es) quanto à atuação de mulheres como treinadoras de equipes esportivas. Um tema em comum entre praticamente todos os participantes é o fato de que as mulheres têm menos oportunidades do que os homens, seja no contexto das atléticas ou no contexto geral do esporte. Com relação à realidade atleticana destacamos os seguintes relatos:

Eu acho que é uma coisa que tem que ser mais estimulada, porque eu gosto muito de mulheres treinadoras. Claro, isso é uma coisa que não precisa nem ser discutida, que elas têm a mesma competência ou maior para gerir um time de atlética. [...] Mas eu vejo até um cenário que de repente possa crescer. (Daiane dos Santos)

[...] eu acho que as gurias têm menos espaço. Talvez, na realidade das atléticas isso se repita, pensando no contexto como um todo, mas é muito tranquilo, é a mesma coisa. Realmente, o que falta é só ter espaço. Se tiver espaço, vai ser tranquilo igual [...] As pessoas acabam diminuindo as capacidades das pessoas pelo gênero, né? Então, eu acho que isso aí tira a oportunidade das gurias. (Douglas Souza)

Segundo Barreira (2021), as relações de gênero desempenham papel fundamental na construção de oportunidades desiguais para homens e mulheres no contexto esportivo. O predomínio masculino em cargos de liderança e poder contribui para a manutenção dessas desigualdades, limitando o acesso das mulheres a redes de apoio, reconhecimento e desenvolvimento profissional. Nesse sentido, a ampliação da presença feminina em posições de liderança no esporte pode favorecer o aumento do número de mulheres atuando como treinadoras e fortalecer processos de maior equidade no meio esportivo. Abaixo destacamos mais dois comentários sobre a realidade das atléticas:

[...] a gente sabe que esses espaços não vêm pela capacidade da pessoa de ser treinadora ou não. E sim, é pelo fato dela ser uma mulher que isso acaba esbarrando de não ter tantas oportunidades. Então eu acho que quanto mais a gente dá visibilidade, da oportunidade de treinar nossos times assim, mas eu acho que a gente pode dar espaço para essas mulheres crescerem, né? Tipo, porque é o cargo que elas escolheram trabalhar. E se as equipes não escolhem, não contratam, tipo, tu não aparece. Então eu acho que eu como gestora assim, [...] eu acho que eu tenho que ter muito esse papel de abrir esse espaço assim, para as mulheres treinadoras poderem aparecer assim (Maria Esther Bueno)

A minha opinião é muito positiva. Acho que como em qualquer ambiente é muito bom que a gente tenha diversidade, né? E mudar, às vezes, de uma visão de um homem para uma visão de uma mulher, fazer com que os homens tenham uma mulher como técnica. Então, acho que tudo isso faz com que a atlética seja um ambiente, inclusive, mais receptivo, né? Para pessoas que não são do meio. Acho que se a gente incentiva e traz mulheres como treinadoras, a gente também incentiva que as gurias pratiquem mais esportes, se insiram em meios que a gente não está tão predominantemente presente. (Jacqueline Silva)

Estas falas se relacionam com o que é dito por Norman (2010), que atribui a baixa representatividade feminina como técnicas a dois aspectos, o capital humano e social que homens e mulheres possuem. Segundo o autor, o capital humano refere-se ao treinamento, educação e experiências que o indivíduo acumula para sua qualificação profissional. O capital social é medido pela rede de contatos que a pessoa possui. Nessa análise, a baixa presença das treinadoras esportivas é explicada pelos baixos níveis femininos de capital social adquirido. Neste ponto as atléticas através das suas gestões podem ser agentes de mudança deste cenário, oportunizando mais espaços para as treinadoras atuarem. Isto se encaixa com o relato de Rebeca Andrade:

[...] Eu acho que a gente tem que ter uma inserção muito maior de mulheres no mercado de treinadores. Acho que faria uma grande diferença. E realmente dar mais oportunidade, sabe? A gente às vezes fica muito limitado ao que está na nossa frente e não vê tantas oportunidades novas para novas treinadoras que estão chegando [...] (Rebeca Andrade)

Por último, destacamos a fala de Aída dos Santos que traz um relato muito marcante sobre a participação das mulheres no ambiente esportivo:

[...] Mas eu acho que é fundamental ter esse espaço, porque isso constrói a sociedade, isso quebra paradigmas que muitas vezes foram enfrentados por mulheres. Foram momentos de sofrimento, de discriminação nesse meio esportivo, e eu acredito que é de fundamental importância ter elas

à frente, ter elas podendo quebrar esses paradigmas que ocorrem no comando dessas equipes esportivas. [...] o cenário de mulheres em geral, ele é muito delicado. Eu, como mulher, posso falar, porque muitas vezes, em muitos cenários, não só no esportivo, a gente sofre discriminações, a gente sofre por comentários, de baixo calão, por diversos motivos, né? [...] E no âmbito do esporte eu acho que existe muito isso, sabe? Em diversas modalidades vai sempre existir algum comentário, vai sempre ter uma mulher que vai sofrer algum preconceito, e eu acho que é fundamental ter iniciativas, terem pesquisas, terem formas de poder trazer o assunto ao público [...] É óbvio que já houveram algumas mudanças, mas é preciso que existam muito mais mudanças. (Aída dos Santos)

Esse cenário pode ser interpretado pelo conceito de “teto de vidro”, que descreve barreiras invisíveis que dificultam a ascensão de mulheres a posições de liderança, mesmo quando possuem qualificação semelhante à dos homens. Elas visualizam as posições superiores, mas não conseguem alcançá-las. A metáfora foi amplamente disseminada e utilizada ao redor do mundo e possibilitou o debate sobre as desigualdades na liderança esportiva (Barreira, 2021). No contexto esportivo, esse fenômeno tem sido amplamente discutido na literatura sobre liderança esportiva, que aponta que mulheres enfrentam barreiras estruturais para alcançar posições de comando, mesmo quando apresentam qualificação semelhante à dos homens.

A existência de mulheres que conseguiram romper esta barreira é essencial para que mais mulheres possam seguir esse caminho, com alguém para se espelhar e saber que é possível chegar lá, e contribuir para que possamos ter cada vez mais mulheres atuando como treinadoras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar a participação de mulheres na função de treinadoras em A.A.A.s participantes das duas principais competições universitárias de Porto Alegre, bem como analisar a percepção de gestoras e gestores sobre essa atuação no contexto esportivo universitário. Para isso, foram analisadas entrevistas com 14 gestoras(es), cujas respostas foram organizadas em categorias temáticas, de modo a facilitar a interpretação dos dados.

O estudo busca contribuir para a reflexão crítica sobre a sub-representação feminina em cargos técnicos no esporte universitário, incentivando gestoras(es) a revisarem suas práticas de contratação e a considerarem as barreiras estruturais enfrentadas pelas mulheres nesse meio.

Os resultados deste estudo evidenciam que a presença de mulheres no cargo de treinadoras nas associações atléticas acadêmicas ainda é bastante limitada, sendo influenciada principalmente por fatores como a escassez de oportunidades, a predominância de redes de indicação masculinas e a ausência de estratégias institucionais voltadas à promoção da equidade de gênero. Nesse sentido, é fundamental que as associações atléticas adotem medidas que incentivem a participação feminina na liderança esportiva, como a implementação de políticas de incentivo à contratação de treinadoras, à promoção de debates e formações sobre

equidade de gênero no esporte, bem como processos de seleção mais transparentes e menos baseados em indicações informais.

Além disso, futuras pesquisas podem ampliar a investigação para outras regiões do país e incluir também a perspectiva das próprias treinadoras, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das barreiras e possibilidades para a atuação feminina no esporte universitário. Ressalta-se ainda a importância de ampliar o debate sobre a exigência — ou não — de formação em Educação Física para a ocupação do cargo de treinador(a), aspecto que emergiu como relevante nas entrevistas e que pode constituir objeto de futuras investigações.

Dessa forma, espera-se que os resultados deste estudo contribuam para ampliar o debate sobre equidade de gênero no esporte universitário e incentivem ações institucionais voltadas à ampliação das oportunidades de atuação de mulheres na função de treinadoras.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, R. Vivian; CARPENTER, Linda Jean. **Women in intercollegiate sport: a longitudinal, national study: thirty-five-year update**. Brooklyn, NY: Brooklyn College, 2012.
- ADELMAN, Miriam. **Mulheres no esporte: corpo, gênero e poder**. Campinas: Autores Associados, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARREIRA, Júlia. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? **Movimento**, v. 27, e27080, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118131>
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 189-217.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- FASTING, Kari; PFISTER, Gertrud. Female football coaches: reasons why few women are coaches. **European Physical Education Review**, v. 6, n. 1, p. 91-110, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1177/1356336X000061001>
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005>
- GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos em disputa, territórios a conquistar: mulheres no rugby. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 23, n. 3, p. 697-715, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v23i3.8657606>
- JACINTO, Joana Isabel da Silva Marques. Papel das associações de estudantes na dinâmica do desporto universitário. 2018. 67 f. TCC (Graduação) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

KANTER, Rosabeth Moss. **Men and women of the corporation**. New York: Basic Books, 1993.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NORMAN, Leanne. Feeling second best: elite women coaches' experiences. **Sociology of Sport Journal**, v. 27, n. 1, p. 89-104, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.27.1.89>

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **The legacy of the Paris 2024 Olympic and Paralympic Games: upping the game**. Paris: OECD Publishing, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1787/d7938b7f-en>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS MULHERES (ONU Mulheres); COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Igualdade e inclusão da mulher no esporte: mapeamento das organizações esportivas nacionais e internacionais**. Brasília, DF: ONU Mulheres; COB, 2022. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/08/MulheresnoEsporte-Digital.pdf>. Acesso em: 29 maio 2025.

PEREIRA, Brisa de Assis; SILVA, Luciano Pereira da. Políticas de esporte e lazer nas universidades federais de Minas Gerais: um olhar sobre as associações atléticas acadêmicas. **Licere**, v. 22, n. 2, p. 460-487, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.16263>

RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline Soares de. O “gênero da bola”: mulheres e futebol na mídia. **Alceu**, v. 24, n. 52, p. 84-119, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.417>

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, n. 122, p. 49-62, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i122p49-62>

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpo e história**. São Paulo: Contexto, 1995.

Abstract: The main objective was to analyze the perception of managers regarding the role of female coaches in academic athletic associations in Porto Alegre. A descriptive survey design was adopted, using a semi-structured interview. The study included 14 managers of student athletic associations in Porto Alegre who competed in the two main intercollegiate championships of the year, selected by convenience sampling. Results were analyzed through content analysis. The thematic categories identified were: "Identification of the Athletic Associations", "Hiring", "Gender", "Sports", "Competitions", and "Women Coaches". Factors explaining the low number of women coaches included lack of opportunities and the continued referral of male coaches to fill these positions. The results indicated that the presence of women as coaches in academic athletic associations remains limited, highlighting the need for institutional strategies to expand opportunities for women's participation in sports leadership. The study concludes that women's presence in athletic associations remains very low, and it aims to contribute to changing this scenario.

Keywords: Women. Women coaches. University sport. Academic athletic associations.

Resumen: El objetivo principal fue analizar la percepción de gestoras y gestores sobre el papel de las mujeres entrenadoras en las asociaciones atléticas académicas de Porto Alegre. Se adoptó un diseño de encuesta descriptivo, utilizando una entrevista semiestructurada. Participaron en la investigación 14 gestoras y gestores de asociaciones atléticas de Porto Alegre que compitieron en los dos principales campeonatos de atléticas del año, seleccionados por conveniencia. Los resultados se analizaron mediante análisis de contenido. Las categorías temáticas fueron: "Identificación de las Asociaciones Atléticas", "Contratación", "Género", "Modalidades", "Competiciones" y "Mujeres Entrenadoras". Factores que explican la baja cantidad de entrenadoras incluyeron falta de oportunidades y la perpetuación de recomendaciones de entrenadores hombres. Los resultados indicaron que la presencia de mujeres como entrenadoras en las atléticas aún es reducida, lo que evidencia la necesidad de estrategias institucionales que amplíen las oportunidades de participación femenina en el liderazgo deportivo. Se concluye que la presencia de mujeres sigue siendo muy baja y que este estudio espera contribuir a cambiar esta realidad.

Palabras clave: Mujeres. Entrenadores deportivos. Deportes universitarios. Asociaciones atléticas.

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho.

CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

Camila Corletto Farias: Conceituação, Metodologia, Administração do projeto, Investigação, Curadoria de dados, Redação – Primeira versão.

Enrique Gonçalves Araújo: Investigação, Curadoria de dados, Redação – Primeira versão.

Matheus Henryke Lee da Silva Goulart: Investigação, Curadoria de dados, Redação – Primeira versão.

Julia Rocha Bernar: Investigação, Curadoria de dados, Redação – Primeira versão.

Mariah Victória da Silva Borba: Investigação, Curadoria de dados, Redação – Primeira versão.

Kenai Fonseca Domingos: Investigação, Curadoria de dados, Redação – Primeira versão.

Andréa Kruger Gonçalves: Conceituação, Curadoria de dados, Metodologia, Administração do projeto, Análise formal, Redação – Revisão e Edição, Supervisão.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio de Bolsas de estudo para todos os autores a partir do Programa de Educação Tutorial (FNDE/MEC).

ÉTICA DE PESQUISA

A pesquisa seguiu os protocolos vigentes nas Resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil e foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Protocolo n. 7.241.334.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Os dados de pesquisa só estão disponíveis mediante solicitação.

COMO REFERENCIAR

FARIAS, Camila Corletto; ARAÚJO, Enrique Gonçalves; GOULART, Matheus Henryke Lee da Silva; BERNAR, Júlia Rocha; BORBA, Mariah Victória da Silva; DOMINGOS, Kenai Fonseca; GONÇALVES, Andréa Kruger. Mulheres treinadoras no esporte universitário: percepções de gestoras e gestores de associações atléticas acadêmicas. **Movimento**, v. 32, e32050, jan./dez. 2026. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.150302>

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

 Alex Branco Fraga*

 Elisandro Schultz Wittizorecki*

 Ileana Wenetz**

 Mauro Myskiw*

 Raquel da Silveira*

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.

** Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.